

## UM LUGAR NA ESCOLA PARA A HISTÓRIA LOCAL\*

José Ricardo Oriá Fernandes\*\*

*“A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele produzido no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.”*

O presente texto constitui um relato de experiência na elaboração de livros didáticos para a primeira etapa ensino fundamental, de nossa autoria e que tematizam a História Local - **CONSTRUINDO O CEARÁ e FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE.**

Na elaboração desses livros, partiu-se de alguns questionamentos norteadores, tais como: Qual tem sido o “lugar” da História Local no contexto curricular do ensino de 1º e 2º graus?; Com que objetivos tem sido trabalhada a História Local na escola?; Qual a concepção de História que subjaz ao conteúdo programático a ser trabalhado?; Que materiais de ensino-aprendizagem têm sido utilizados, incluindo o próprio livro didático?; Qual o tratamento dado pelas editoras à produção regional/local?; Como a historiografia didática tem trabalhado a História Local?

Além desses questionamentos que serão problematizados no decorrer do texto, pretendemos mostrar a importância do ensino/

pesquisa da História Local na escola de 1º e 2º graus, enquanto possibilitador da construção da identidade do aluno como ser histórico e cidadão.

### 1. O “LUGAR” DA HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO

*“No início do ano político, em setembro de 1983, quando os franceses voltaram de suas férias para encontrar o franco em baixa, uma escalada na corrida armamentista, uma crise no Oriente Médio e problemas em toda a frente do país, François Mitterrand convocou seus ministros no palácio Elysée e censurou-os pelo lamentável estado da História - não o rumo natural dos acontecimentos, mas a História que as crianças francesas estavam deixando de aprender na escola. O presidente sem dúvida*

---

\* Este texto é dedicado *in memoriam* à Professora e Colega Elza Nadai, pelo seu incansável trabalho em prol da melhoria da qualidade do ensino de História em todos os níveis. A saudade e o reconhecimento de seus amigos de luta.

\*\* Ex-Professor dos Departamentos de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). Co-autor dos livros didáticos para o ensino fundamental “Construindo o Ceará” e “Fortaleza: a Criança e a Cidade”. Membro do Conselho Consultivo da ANPUH. Atualmente, é Assessor Legislativo da Área de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados, em Brasília.

1. SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral in: *Revista Brasileira de História*. História em Quadro-Negro: escola, ensino e aprendizagem. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990, p. 220.

*tinha outras preocupações. Mas a crise que ocupava o primeiro lugar em sua agenda era a incapacidade do eleitorado em discernir os temas de seu passado. O que seria de uma coletividade de cidadãos que já não soubesse distinguir entre Louis XIII e Louis XV, entre a Segunda e a Terceira República ou entre Robespierre e Danton?*<sup>2</sup>

Esta legítima preocupação do Presidente francês sobre o atual estado do ensino de História na França deveria também ser a nossa - historiadores, profissionais da História, educadores em geral e demais participantes deste Simpósio Nacional de História da ANPUH (Recife - 1995), aqui no Brasil. E o porquê desta preocupação? Ora, não é mais possível imaginar que o futuro deste país possa ser construído sem a valorização da História, ou seja, pensar em desenvolvimento social, econômico e científico-tecnológico para o Brasil requer inicialmente o conhecimento de nossa História e a compreensão da realidade social em que estamos todos inseridos.

Neste sentido é que resolvemos participar deste Simpósio com a comunicação **“Um Lugar na Escola para a História Local”**, objetivando uma reflexão sobre o seu ensino em nossas escolas e a importância da valorização da História Local enquanto possibilitadora da construção da identidade do aluno como ser histórico e cidadão.

O ensino de História Local nos remete à própria discussão mais geral sobre o ensino

de História no contexto do sistema educacional brasileiro, ou seja, **qual a função e objetivos do conhecimento histórico na escola de 1º e 2º graus? Em outras palavras: Para que serve estudar História no ensino fundamental e médio?**

Hoje, todos sabemos que a finalidade básica do ensino da História na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a História produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produz e ele nos parece fundamental para a vida dos homens - indivíduo eminentemente histórico.<sup>3</sup> O estudo da História nos possibilita aprender e apreender um referencial que nos ajuda na leitura e compreensão da realidade social.

No entanto, a par da importância que a História vem tendo no meio acadêmico-universitário, o seu ensino na escola de 1º e 2º graus ainda se caracteriza por um modelo tradicional hegemônico - a História dos grandes fatos, grandes temas, nos quais emergem os grandes homens e mulheres, os chamados “heróis” nacionais. Foi esta História infelizmente que a sociedade e a escola nos permitiram aprender. Neste sentido, todos nós sentimos na pele, na emoção e na memória a História e a visão de mundo que a escola difundiu através dos livros didáticos - uma **“História da impotência e da exclusão.”**<sup>4</sup>

A História e o passado construídos nos bancos escolares estavam marcados pela

---

2. DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

3. Cf. CABRINI, Conceição et al. *O Ensino de História: revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

4. MONTENEGRO, Antonio Torres. *Lembranças de um aluno mal-comportado*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993 (texto mimeografado).

regência de alguns poucos homens e mulheres e também um número reduzido de selecionados e grandes acontecimentos. Assim, aprendíamos determinados fatos históricos e seus respectivos personagens, tais como a Independência do Brasil e D. Pedro I, a Guerra do Paraguai e Caxias, a Abolição dos Escravos e a Princesa Isabel, a Proclamação da República e o Marechal Deodoro da Fonseca. Nós, o conjunto da população, assim nos ensinavam os livros didáticos, não tínhamos participação no cenário da História. Ao cidadão comum se contrapunham os heróis, os líderes, os cognominados “filhos ilustres da terra”. A nossa vida cotidiana, os grandes acontecimentos.

É esta, pois, a visão de uma História que todos abominamos, mas que ainda é praticada nas nossas escolas e que nossos alunos tanto detestam, pois com razão: essa História nada lhes diz respeito - uma História distante de seu tempo presente, de suas experiências de vida, de suas expectativas e desejos... Sim, pois História também é emoção e vida e, infelizmente, nós, professores, ainda não sabemos como trabalhar com nossas crianças e jovens a concepção de que História é experiência de vida. História é vida!

Até há bem pouco tempo, no contexto do processo ensino-aprendizagem, o estudo da História em todos os níveis priorizava conteúdos relacionados à chamada “História da Civilização Brasileira” e até mesmo à dita “História Universal” em detrimento da História Local. Isto estava de acordo com uma visão político-ideológica proveniente do século XIX e que bem serviu ao poder oficial, com o objetivo de se forjar a idéia de um Brasil homogêneo, coeso, sem conflitos e contradições sociais.

Por outro lado, a História do Brasil, através dos manuais didáticos, mostrava a narrativa dos pólos econômicos hegemônicos de acordo com o período histórico estudado.

Assim, a História do Brasil-Colônia se resumia no estudo exclusivo do Nordeste açucareiro; no Império, tínhamos a análise do eixo centro-sul do país a partir da atividade aurífera que levou a prosperidade econômica à região e a República se resumia ao estudo da História de São Paulo e do Rio de Janeiro, por terem se tornado, a partir de então, os pólos político-econômicos do país. Ignorava-se, portanto, a História de outros espaços que coexistiam no mesmo período e até davam sustentação política às ditas “regiões prósperas”. Não havia, pois, lugar na escola para a História Local.

Na sala de aula, nossos alunos estudam a influência dos rios Nilo, Tigre e Eufrates no desenvolvimento das sociedades do Antigo Oriente e desconhecem, muitas vezes, a importância dos Rios Jaguaribe e Acaraú como vias de penetração e ocupação do espaço cearense, com a instalação das fazendas de criar e oficinas de carne às suas margens, que deram origem aos primeiros núcleos urbanos e vilas, durante o período colonial. Aprendem, também, nos livros didáticos de História Geral (Contemporânea) que a Revolução Industrial ocorreu pioneiramente na Inglaterra e, no entanto, não sabem que grande parte dos teares ingleses foram abastecidos pelo algodão cearense que, produzido no interior do Estado do Ceará, era exportado via Fortaleza, sendo responsável, em parte, pela hegemonia político-econômica da capital cearense, a partir de meados do século passado.

Com a renovação teórico-metodológica da Ciência da História, ocorrida no Brasil a partir dos anos 70/80, e a criação dos cursos de mestrado e doutorado em História no país, abriram-se perspectivas para uma produção historiográfica que desse conta das especificidades locais. Assim, a História Local passa a ser paulatinamente objeto de investigações científicas.

As novas tendências historiográficas, filiadas à “Nouvelle Histoire”, nas suas vertentes do cotidiano, do imaginário e das mentalidades coletivas, e a História Social Inglesa, ao recuperar a experiência social de outros sujeitos históricos até então relegados pela historiografia tradicional, elegeram como objeto de estudo não mais os grandes temas, mas, sobretudo, os micro-temas, tendo como referência a História Local.

## 2. A IMPORTÂNCIA/NECESSIDADE DA HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO

Hoje, a chamada modernidade tem recuperado a importância da História Local. Na verdade,

*“A História Local tem conhecido, nos últimos anos, um progressivo desenvolvimento devido ao interesse da investigação histórica actual pelo estudo das comunidades locais que se tem traduzido num crescente número de trabalhos académicos tendo por objecto a análise de realidades locais ou regionais.”<sup>5</sup>*

No entanto, a mundialização econômica, a internacionalização do capital e a formação dos grandes blocos geo-econômicos provocaram a perda dos referenciais próximos e cotidianos das pessoas. Pela influência dos “mass mídia” formamos uma verdadeira “aldeia global”, onde é mais fácil sabermos o que se passa do outro lado do mundo, tão distante e ao mesmo tempo tão próximo. Assim, ficamos conhecendo, via TV e jornais, o massacre dos índios lanomami e desconhecemos, muitas

vezes, a existência tão próxima de nós dos índios Tapeba e Tremembé que, em Caucaia e Almofala, respectivamente, lutam pela demarcação de suas terras e o direito à vida e à identidade étnico-cultural.

O ensino de História Local vem, de certa forma, romper com esta visão tradicional em que se priorizava o estudo da chamada “História Geral da Civilização Brasileira”, na tentativa de se passar para nossos alunos a idéia de um Brasil homogêneo, sem diferenças, conflitos e contradições sociais e um passado unívoco a ser “decorado” e utilizado apenas nos exames e arguições. Queremos, pois, uma História que resgate as peculiaridades e especificidades regionais e dê conta da pluralidade étnico-cultural de nossa formação histórica.

A chamada História Geral do Brasil, onde emergem os grandes feitos dos grandes homens, não dava lugar e voz ao homem comum que no seu espaço de vivência local (bairro, comunidade, município, estado, região) produz História, a partir das experiências de vida cotidianas.

Neste sentido, o ensino da História, a partir da realidade social do local (bairro, comunidade, município, estado ou região), permitiria atingir algumas metas que consideramos fundamentais para a construção da identidade e formação da cidadania de nossos alunos, quais sejam:

**a) Estaríamos partindo do concreto para o abstrato (ou do conhecido para o desconhecido, do próximo para o distante), uma das regras fundamentais do método indutivo, válido também para o ensino da História. Para o aluno que mora na zona rural do município de Mulungu e não conhece outra**

---

5. PROENÇA, Maria Cândida. *Ensinar/aprender História: questões de didática aplicada*. Coimbra: Livros Horizonte, 1990, p. 139.

realidade espaço-temporal, o concreto para ele é Mulungu, Fortaleza e Ceará são abstrações, o que não dizer Brasil;

**b) Estaríamos possibilitando a incorporação das experiências de vida dos alunos que se dão num “locus” específico, no caso, no município.** O município é, por assim dizer, o espaço privilegiado da formação da cidadania do aluno, pois é neste espaço que ele irá atuar enquanto sujeito da História e cidadão. Pergunta-se: **Como levar à compreensão do aluno que ele é sujeito da História, se muitas vezes o conteúdo trabalhado não lhe diz respeito e está tão distante no tempo e no espaço?** O aluno que mora no município de Jaguaruana aprende na escola a importância do rio Paraíba do Sul no desenvolvimento da cultura cafeeira, no entanto, desconhece que o rio Jaguaribe, que corta a sua cidade, teve um papel fundamental na ocupação do espaço cearense durante o período colonial, como importante via de penetração da pecuária e instalação das charqueadas. Nossos alunos aprendem, via livro didático, que durante a Colônia a principal atividade econômica no Brasil foi o cultivo da cana-de-açúcar na zona da mata nordestina e não sabem que o charque produzido nas oficinas de carne existentes nas ribeiras dos rios Acaraú e Jaguaribe abasteceram os mesmos engenhos;

**c) O estudo da História do município permite a inserção do aluno na realidade do passado da comunidade local, o que lhe possibilita uma melhor compreensão da sociedade em que vive e na qual virá a intervir;**

**d) O contato do aluno com as instituições locais e a percepção do seu modo de funcionamento preparam melhor**

**o aluno para uma futura inserção/participação na sociedade, facilitando-lhe a compreensão das instituições democráticas e acentuando o caráter formativo da História na preparação para o exercício de uma cidadania crítica e consciente.** Neste sentido, concordamos com muitos educadores que:

*“a educação escolar precisa se tornar um componente importante na formação política do cidadão.(...) O cidadão, embora pertencendo à nação, tem no município suas raízes. É nele que ele nasce, cria seus filhos, trabalha; a relação fundamental da vida do cidadão ocorre, portanto, no município. Então, começemos por ensinar nossos alunos a acompanhar os administradores municipais em sua atuação política; começemos por ensiná-los a conviver com a realidade concreta dos municípios, pelo conhecimento da vida política, administrativa, cultural e social de onde ele vive. Será através desse conhecimento que o cidadão poderá dimensionar sua real parcela de influência na transformação da realidade vivida. Tal envolvimento o levará à compreensão de sua importância e papel na transformação dos rumos da nação.”<sup>6</sup>*

**e) O recurso às fontes locais (arquivos, museus, bibliotecas, monumentos, história oral, etc) permite familiarizar o aluno com o método de pesquisa, possibilitando-lhe o exercício da produção do conhecimento histórico desde as**

---

6. RODRIGUES, Neidson. *Por uma Nova Escola: o transitório e o permanente em educação*. 8a. ed., São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992, p. 43.

séries iniciais do 1º grau, além de sensibilizá-lo acerca da necessidade de preservação do patrimônio histórico-cultural de sua comunidade, numa proposta de **educação patrimonial**.

Apesar do crescente interesse pela História Local, os currículos e programas do ensino médio e fundamental ainda não refletem essa tendência. Precisamente, o ensino de História Local só tem estado presente nas séries iniciais do 1º grau, sob a forma dos Estudos Sociais, onde o conhecimento histórico se junta a conteúdos de outras ciências humanas (Geografia, Sociologia, Ciência Política, etc).

No ensino médio, o estudo da História Local se faz em uma das séries do 2º grau, geralmente a última, com uma carga horária diminuta (1 aula semanal de 50 minutos) e para atender às exigências dos programas vestibulares, que passaram a inserir questões relativas à História Local nos seus exames.

### **3. A HISTORIOGRAFIA DIDÁTICA E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL**

No contexto da prática educacional brasileira, o ensino de História Local no 1º grau tem-se caracterizado por uma abordagem tradicional, descritiva, factualista, cronológica e pitoresca que, no mais das vezes, não tem contribuído para a formação da consciência crítica do educando nem possibilitado o exercício de sua cidadania.

Geralmente, essa área do conhecimento na escola é trabalhada pelo professor com o simples recurso à memorização, através de uma "História de datas-fatos-nomes", baseada no currículo por efemérides (as famosas datas cívicas comemorativas, onde

emergem os "heróis locais", como sujeitos únicos e exclusivos do fazer histórico).

Esse tipo de abordagem tradicional e positivista do conhecimento histórico em sala de aula tem impedido que o aluno reflita sobre sua própria historicidade, ou seja, ele não se vê enquanto sujeito da História e do processo de produção do conhecimento. Para o aluno, a História é matéria "decorativa", sem nenhuma importância maior para sua futura formação profissional e exercício consciente da cidadania.

Por outro lado, a literatura didática existente nessa área ainda se caracteriza, sobretudo nas séries iniciais do 1º grau, por uma abordagem tradicional do conhecimento, não tendo incorporado ainda novos temas e novos conteúdos da recente produção historiográfica. Quando se trata da História local/regional, essa mesma historiografia é criticada, também, por expressar uma narrativa tradicional de datas e fatos protagonizados pelos personagens ilustres da terra, sem nenhuma ligação com as experiências sociais das crianças no seu fazer cotidiano. É nessa área - ensino de História Local - onde a produção didática se mostra mais problemática, com livros de encomenda, elaborados por editoras centradas no eixo Rio-São Paulo, que não levam em conta as especificidades e peculiaridades locais/regionais.

Por todas estas razões, aliados à experiência acumulada no decorrer de vários anos com o desenvolvimento de práticas pedagógicas alternativas, visando a melhoria da qualidade do ensino dessa disciplina no espaço escolar, é que nos sentimos motivados a escrever livros, destinados às séries iniciais do ensino fundamental, tematizando a História

---

7. **CONSTRUINDO O CEARÁ** é de autoria dos profs. Ricardo Oriá, Simone Souza e Zenilde Amora. **FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE** é de autoria dos profs. Ricardo Oriá, Simone Souza, Tércia Cavalcante, Sebastião Rogério Ponte e José B. da Silva. Ambos foram editados pela Fundação Demócrito Rocha em parceria com o Núcleo de Documentação Cultural do Deptº de História da UFC, 1994.

Local - **CONSTRUINDO O CEARÁ e FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE**<sup>7</sup>. Os livros possibilitam que nossas crianças e jovens conheçam uma outra História, diferente daquela do ensino tradicional que nós aprendemos nos bancos escolares de outrora e que, infelizmente, ainda se encontra em uso nas escolas.

#### **4. NOSSA EXPERIÊNCIA EM “CONSTRUINDO O CEARÁ” E “FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE.”**<sup>8</sup>

##### **CONSTRUINDO O CEARÁ e FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE**

são livros didáticos destinados ao ensino de Estudos Sociais no 1º grau e abordam, numa perspectiva interdisciplinar, a História e a Geografia do Ceará e de Fortaleza, visando atender à demanda curricular das escolas públicas e privadas que estabelecem o ensino de Estudos Sociais relativo ao Estado do Ceará e do Município de Fortaleza na 3ª ou 4ª série do 1º grau, respectivamente.

Ambos os livros sugerem uma concepção de ensino baseada no construtivismo, onde professor e alunos, a partir de suas experiências cotidianas, colocam-se enquanto produtores do conhecimento e não meros reprodutores de um saber pronto e acabado a ser passivamente absorvido, como costuma acontecer na maioria dos manuais didáticos.

Os livros sugerem, também, a dimensão de que a História do Estado e da Cidade é um processo de construção coletiva, do qual participam diversos atores sociais. Os livros tentam romper com uma visão tradicional do conhecimento histórico, ainda predominante

em nossas escolas. Propomos, assim, um processo de ensino-aprendizagem de Estudos Sociais renovado, numa postura mais crítica e condizente com os avanços teórico-metodológicos da Ciência da História que, infelizmente, ainda não chegaram à maioria das escolas de 1º e 2º graus.

Ao elaborarmos esses livros, tivemos por finalidade precípua trabalhar numa nova visão de História com docentes e alunos da escola de 1º grau, buscando, assim, superar o caráter fragmentário, descritivo, factualista, cronológico e memorizador do ensino nessa área do conhecimento. Baseado nessa concepção é que os livros não têm uma preocupação conteudística, nem pretendem esgotar todo o conteúdo relativo à História do Ceará e de Fortaleza. No entanto, rompendo com uma visão cronológico-linear e descritiva, selecionamos conteúdos significativos para as crianças cearenses e priorizamos determinados temas, que nem sequer eram abordados pelos didáticos, dando a eles a sua dimensão de contemporaneidade, tais como a questão da cidadania, do trabalho, a questão indígena no Ceará, o negro no Ceará, os direitos da criança, os lugares da memória da cidade etc. Os livros colocam a criança em contato com diferentes realidades espaço-temporais do Estado e da Cidade (litoral, sertão e serras) e diferentes modos de vida, trabalho, cultura e lazer.

Partindo do pressuposto teórico-metodológico de que a nova concepção de História procura abordar as múltiplas possibilidades do viver cotidiano e por serem livros didáticos dirigidos à criança, é que os autores, ao elaborarem estes compêndios didáticos, usaram desde ilustrações com reproduções fotográficas, charges, desenhos,

---

8. C.f. ORIÁ, Ricardo et al. *Construindo o Ceará: Manual do Professor*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/NUDOC-UFC, 1994.

mapas e caricaturas até a utilização de músicas, poesia e literatura de cordel, representativas da cultura regional/local. Destaque especial foi dado às músicas do cancionário popular cearense e do Brasil no texto das diversas unidades. Acreditamos que sua utilização pelo professor constitui uma excelente oportunidade para as crianças aprenderem a valorizar a cultura brasileira.

**CONSTRUINDO O CEARÁ e FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE** tentam incorporar, assim, novas linguagens no processo ensino-aprendizagem da História, linguagens estas resultado das diversas experiências sociais do homem enquanto produtor de cultura.

Como o livro não pretende ser o único instrumento do processo ensino-aprendizagem, é que sugerimos a utilização de outros recursos, tais como revistas, jornais, periódicos e a própria comunidade no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Assim, ao final dos livros o professor dispõe de uma indicação bibliográfica para aprofundamento, pesquisa e preparação de suas aulas, constante de livros de Metodologia do Ensino de História e Geografia, exemplares sobre a questão dos didáticos, volumes específicos sobre a História, Geografia e Cultura Cearenses e recentes publicações do Núcleo de Documentação Cultural do Departamento de História da UFC (NUDOC-UFC), que tematizam a História Local.

Como podemos observar, **CONSTRUINDO O CEARÁ e FORTALEZA: A CRIANÇA E A CIDADE** apontam para uma perspectiva inovadora, quando professor e alunos irão colocar-se enquanto sujeitos na construção do conhecimento histórico. Nos livros, espaço e tempo histórico são considerados como expressões das experiências de vida e trabalho de homens e

mulheres comuns, que construíram e constroem o Ceará e a cidade de Fortaleza, forjando, nos embates políticos, nossa identidade étnico-cultural. Ao trabalhar com ambos os livros, o professor viverá, juntamente com seus alunos, as emoções do reencontro com a História de nossos antepassados, enquanto sujeitos históricos que, ao redimensionarem o ontem (passado), desenvolvem uma melhor compreensão do hoje (presente). Com tais objetivos é que pensamos esses livros, resultado de nossas experiências como professores de 1º e 2º graus e no ensino universitário, preocupados que estamos com a construção de um conhecimento histórico, que possibilite às crianças, nos diversos espaços de sua sociabilidade, o exercício da cidadania.

Cientes de que não existe livro didático ideal, por melhor que ele seja, acreditamos, no entanto, que a elaboração de livros destinados ao ensino fundamental constituem desafios a serem encarados pelos profissionais de História que militam na Universidade. Só assim estaremos contribuindo para a construção de uma cultura histórica diferente para nossos alunos e a sociedade brasileira em geral.

## 5. À GUIA DE CONCLUSÃO:

Muitas outras questões acerca do ensino da História Local poderiam ser colocadas, mostrando sua importância na construção de nossa identidade enquanto cidadãos e sujeitos deste fazer histórico, mas terminaria fazendo duas citações: a primeira do poeta português Fernando Pessoa, que diz o seguinte: **“Quem quer ser universal que cante sua aldeia”**. A outra do jornalista e intelectual cearense, Ailton Monte, em que tece algumas críticas procedentes acerca do currículo das escolas cearenses:

*“A otimista Secretária de Educação acha que o nosso sistema de ensino vai muito bem, obrigado. Muito embora o Estado tenha mais menino na rua do que nas salas de aula. Apesar da fatal atração da merenda escolar. Chico Newton, cearense da gema, acha que tá faltando Ceará no currículo escolar oficial. O estudante acaba o segundo grau completamente analfabeto de suas raízes. Sem saber um tico da História, Geografia e da Cultura cearenses. Sabe de cor os afluentes do Amazonas ou do Nilo, mas não manja nada do rio Jaguaribe. Nossos heróis, nossos poetas, nossas tradições populares foram aposentados precocemente e*

*viraram maracujás de gaveta. Sem um espelho cultural próprio onde possam reconhecer o rosto, gerações sucessivas vão perdendo a identidade com a terra onde seu umbigo foi enterrado. Sem saber quem são, alguns chegam mesmo a ter vergonha de ser cearense.”<sup>9</sup>*

Que essas reflexões aqui empreendidas nos conscientizem de que nossas crianças, os futuros adultos deste país, têm direito a uma outra História, diferente daquela que aprendemos nos bancos escolares de outrora, a fim de que eles possam assumir em suas próprias mãos o efetivo exercício da cidadania e perceber que a construção da História é resultado de um querer e fazer coletivos.

---

9. Jornal O POVO, de 18.03.1993, coluna diária “EM OFF”.